Cadernos de Gênero e Tecnologia
ISSN: 1807-9415

https://periodicos.utfpr.edu.br/rts

Racionalidade Científica Situada e Interseccional

Halina Macedo Leal
E-mail: halina.leal@gmail.com
Orcid: http://orcid.org/0000-0001-6724-4622
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, Brasil
Universidade Regional de Blumenau, SC, Brasil

RESUMO

O texto articula a noção de racionalidade científica situada, desenvolvida a partir da crítica de Paul Feyerabend ao universalismo científico, com a perspectiva interseccional do feminismo negro. A autora reflete sobre sua própria trajetória na Filosofia da Ciência e mostra como a crítica de Feyerabend à ideia de uma racionalidade única, neutra e universal a permitiu compreender a ciência como prática contextual, plural e atravessada por experiências históricas e sociais. Em diálogo com autoras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e Carla Akotirene, o texto apresenta a interseccionalidade como ferramenta para compreender a sobreposição de opressões de raça, gênero e classe que marcam as experiências das mulheres negras, assim como a produção epistemológica a partir da perspectiva desse grupo de mulheres. Defende-se, assim, a possibilidade de existência de uma racionalidade científica situada e interseccional, aberta à pluralidade epistemológica e às experiências historicamente marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo negro. Interseccionalidade. Paul Feyerabend. Pluralidade epistemológica. Racionalidade científica situada.

INTRODUÇÃO

Para “conversar sobre” racionalidade científica situada e interseccional tive que, inicialmente, enxergar a construção do meu lugar no contexto acadêmico filosófico, em outras palavras, tive que me situar. De uma trajetória que vai da graduação ao doutorado dedicada aos estudos de Filosofia da Ciência, com pós-doutorado que conecta reflexões epistemológicas com reflexões éticas sobre a racionalidade científica, sempre pelo viés da crítica a perspectivas universalistas, chego à racionalidade científica situada. Nessa trajetória epistemológica, a principal pergunta que permeou minhas investigações foi: O que é racionalidade científica?

Segundo Ian Hacking (1994, p. 1):

> A racionalidade tem sido uma das questões que preocupam filósofos da ciência. Nós perguntamos: O que nós realmente conhecemos? Em que nós deveríamos acreditar? O que são boas razões? A ciência é tão racional quanto as pessoas costumam pensar?

Partindo do pressuposto de que a ciência representa um exercício de racionalidade, diferentes vertentes de pensamento, a partir da análise dos modos de proceder dos cientistas, dos conceitos utilizados por eles, da lógica empregada e das explicações oferecidas ao longo da história das ciências, têm fornecido diferentes respostas ao tema.

Dentre as várias possibilidades de definição da racionalidade científica, podemos identificar, por um lado, o ideal empirista, no qual a justificação racional dos procedimentos ditos científicos apresenta-se através da observação e coleta sistemática de dados e da aplicação de um método (lógica geral) que orienta a pesquisa. Por outro lado, identificamos críticas a esse ideal, com propostas que vão além de um conjunto de normas e regras universais a serem seguidas e que defendem que as escolhas teóricas dos cientistas não são simplesmente baseadas em princípios lógicos e experimentais, mas podem ser explicadas a partir de determinações histórico-contextuais.

No meu percurso acadêmico, me foquei nessas últimas abordagens, principalmente na proposta do filósofo da ciência, conhecido como o “anarquista epistemológico”, Paul Karl Feyerabend (1924-1994), o qual servirá de base para as articulações conceituais com a epistemologia do feminismo negro apresentadas neste texto.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no texto pode ser caracterizada como uma abordagem teórico-reflexiva, analítico-interpretativa e interdisciplinar, articulando filosofia da ciência e epistemologia feminista negra, com análise conceitual e vivência experiencial.

RACIONALIDADE CIENTÍFICA SITUADA

Feyerabend ocupa uma posição peculiar nas discussões filosóficas acerca da ciência. Suas ideias sobre a conduta razoável dos cientistas operam na direção de elucidar e resolver as dificuldades de compatibilização de critérios ou padrões científicos permanentes e circunstâncias variadas e variáveis de aplicação de tais critérios. As análises feyerabendianas não são expressas por meio da apresentação direta de uma teoria do método ou teoria da racionalidade científica, mas são apresentadas através da negação de características atribuídas ao racional em sentido clássico como, por exemplo, as características de neutralidade, formalidade e, sobretudo, universalidade.

Com sua crítica, Feyerabend procura demonstrar não somente as falhas dos critérios do racionalismo vigente, mas o que efetivamente foi alcançado no âmbito científico, seja pela aplicação de regras do próprio racionalismo ou de procedimentos considerados irracionais na perspectiva racionalista. Nesses termos, a proposta de Feyerabend não implica simplesmente uma crítica negativa aos padrões racionais. Sua postura crítica e sua proposta de olhar para a multiplicidade científica atualizam a possibilidade de consideração da racionalidade em termos diversos aos da universalização de critérios e padrões de investigação científica defendida pelo racionalismo criticado por ele.

O pensador analisa as relações entre princípios universais e contextualização de forma detalhada, permitindo que se depreenda de seu exame a defesa de uma contextualização do racional ou, em outras palavras, a consideração de uma racionalidade científica situada.

Seguindo nas minhas reflexões, continuei a tentar compreender o que seria essa posição de Feyerabend, o que seria essa racionalidade que pode ser compreendida como situada e que depois me ajudou a situar minhas próprias experiências?

A racionalidade científica situada, a partir desse olhar feyerabendiano, apresenta uma proposta interacionista para a ciência, na qual a razão (princípios teóricos) se constitui num guia para a prática (experiência empírica), ao mesmo tempo em que, pela sua aplicabilidade a uma situação prática específica, ela é modificada, corrigida e aperfeiçoada. Não há, nesse contexto, privilégio da razão sobre a prática nem da prática sobre a razão, ambas são necessárias e não podem existir independentemente uma da outra. Como o próprio Feyerabend afirma: “[...] razão e prática não são dois tipos diferentes de entidades, mas partes de um só processo dialético.” (Paul Feyerabend, 1993, p. 284)

Nesses termos, os padrões racionais não são considerados fixos, universais, com autoridade independente do contexto específico ao qual se aplicam, nem são totalmente vazios, preenchendo-se única e exclusivamente através do conteúdo fornecido pela prática. Esses padrões são flexíveis e contêm idealizações que podem ser transformadas ou substituídas, dependendo do material histórico e contextual com o qual venham a interagir.

A prática, por sua vez, não é simplesmente o material bruto que é regulado pela razão, nem simplesmente o que permite à razão mover-se num âmbito concreto. A razão depende da prática, para que seus princípios sejam compreendidos e efetivados, e a prática depende da razão, para que seus conteúdos sejam organizados. Essa dependência traduz-se em termos de

interação, na qual a própria prática só é apreendida como tal na sua relação com a razão e vice-versa.

Em síntese, Feyerabend pretende salientar a igualdade de condições tanto da prática quanto da razão. Elas intervêm de igual modo entre si, não interagindo somente uma com a outra, mas com todo o contexto mais amplo do qual fazem parte.

> O que é chamado "razão" e "prática" são dois tipos diferentes de prática, estando a diferença em que um exibe claramente alguns aspectos formais simples e facilmente documentáveis, fazendo-nos, assim, esquecer as propriedades complexas e dificilmente entendidas que garantem a simplicidade e a documentabilidade, enquanto a outro esconde os aspectos formais sob uma grande variedade de propriedades acidentais. (Feyerabend,1993, p. 224)

A afirmação de que prática e razão são diferentes tipos de prática, amplia as reflexões feyerabendianas numa tentativa de análise de como procedem as relações entre a prática científica, a prática racional e outras práticas ou, do modo como ele alude, a tradição científica, a tradição racional e outras tradições. Feyerabend descarta a existência de uma razão universal, independente da prática e situa a racionalidade científica.

Desse modo, torna-se possível falar, não da racionalidade, compreendida nos termos de um padrão universal, mas de "racionalidades" ou de racionalidade científica situada, considerando diferentes modos de apreensão e significação da realidade.

Nesses termos, o modelo lógico-conceitual é refletido num determinado enfoque contextual e conduz à aquisição do conhecimento não no sentido de um conhecimento científico acumulado por sua obtenção através de um método único para vários contextos cognitivos, mas no sentido de um conhecimento que varia e se modifica de acordo com o contexto de teorização, de análise e de pesquisa em que esteja inserido.

A ciência, nesse âmbito, pode ser apreendida como uma atividade com adequação teórico-fatual, não no sentido simples de comparação de uma teoria com uma experiência, mas no sentido de permitir procedimentos cognitivos que comparam teorias entre si, experiências entre si e teorias e experiências entre si. Isto se daria sem a imposição de práticas e visões umas sobre as outras, mas através da convivência mútua de diferentes pontos de vista e da possibilidade de apreensão de diferenças e semelhanças desses modos de apresentação e compreensão do mundo.

A lógica, por sua vez, pode ser considerada dentro da multiplicidade de sistemas formais e visões de mundo. As razões, tanto lógicas quanto empíricas, são consideradas no âmbito próprio das diferentes situações científicas, não sendo as únicas relevantes para o progresso científico, sugerindo uma nova interpretação do que sejam "boas razões", numa interação direta com a "subjetividade" e valores do indivíduo.

Feyerabend se apresenta como contrário a uma racionalidade científica que inibe a imaginação, criatividade, emotividade e individualidade humanas; inibição

que, segundo ele, restringe a liberdade do indivíduo, na medida em que este tende a deixar de lado suas ideias individuais, suas escolhas alternativas e valores que guiam tais escolhas, para seguir o padrão imposto por um único e atemporal método, por um conjunto uniforme e predeterminado de regras e princípios, ou seja, por uma racionalidade única.

Ao salientar o papel do sujeito cognoscente e de suas interações com a multiplicidade contextual da prática da ciência, Feyerabend abre espaço para que se pense o racional em termos de formação de juízos individuais e desenvolvimento contínuo de estratégias de pesquisa.

Apesar desse julgamento ser uma habilidade de indivíduos, ele possui um elemento comunitário. Isso implica que as crenças racionais ficam submetidas à apreciação, avaliação e criticismo da comunidade envolvida, assim como ocorre com qualquer afirmação científica (até mesmo as obtidas por algoritmo).

Juntamente com Feyerabend, pensar em racionalidade científica situada me permitiu ver a possibilidade de existência de uma pluralidade de formas de apreensão, compreensão e significação do mundo. E, numa tentativa de me compreender no mundo, de compreender a minha condição enquanto mulher negra, comecei meus estudos sobre feminismo negro.

Mas, como isso tudo converge para uma noção de racionalidade científica situada e interseccional?

INTERSECCIONALIDADE

O feminismo negro tem como base a noção de interseccionalidade. As opressões sofridas pelas mulheres negras são resultantes da intersecção de opressões de gênero e de raça e colocam a maioria de nós, mulheres negras, à margem do poder e da representação, invisibilizando-nos em diferentes contextos.

> A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica utilizada pelas feministas negras para refletir acerca da inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexismo, racismo e suas articulações que implicam em múltiplas situações de opressão sofridas pelas mulheres negras. A intersecção de estruturas racistas e machistas sobre as mulheres negras nos coloca mais expostas a condições de vulnerabilidade política e social.

Segundo Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p. 15-16):

> A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Conceitualmente, o termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (1959), jurista estadunidense, defensora dos direitos civis e professora de teoria crítica de raça, num contexto de crítica às leis antidiscriminação dos Estados Unidos.

Crenshaw, ao questionar o que há de errado com a visão tradicional das discriminações, afirma que um dos problemas é que as visões de discriminação racial e de gênero partem do princípio de que se fala de categorias diferentes de pessoas. A visão tradicional indica que a discriminação de gênero diz respeito às mulheres e a racial diz respeito à raça e à etnicidade. Assim como a discriminação de classe diz respeito apenas a pessoas pobres. Ela também aponta para outras categorias de discriminação (em função de deficiências, de idade etc.) e ressalta que a interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. Segundo ela, ao sobrepormos o grupo das mulheres com o das pessoas negras, o das pessoas pobres e o das mulheres que sofrem discriminação por conta da sua idade ou por serem portadoras de alguma deficiência, as mulheres de pele mais escura são as que tendem a ser as mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos. Para Crenshaw, a visão tradicional de discriminação opera no sentido de excluir as sobreposições.

Ela propõe, então, que pensemos em tipos de discriminação e em como isto opera com relação às mulheres negras. O primeiro tipo é a discriminação contra grupos específicos que, em última análise, se refere a mulheres que são interseccionais. A estas são associados estereótipos como, por exemplo, às mulheres da Bósnia e de Ruanda, onde a associação de etnicidade/raça como determinante de padrões sexuais gera situações de "violência justificada". Neste caso, a raça/etnia tende a conduzir a inferências e suposições a respeito de um grupo. O segundo tipo de discriminação, é a discriminação mista ou composta. Esta seria a combinação da discriminação racial e da discriminação de gênero. Neste caso, as mulheres negras são diretamente afetadas pela confluência das discriminações. E o terceiro tipo é a subordinação estrutural, quando não há qualquer discriminação ativa. O que ocorre é que o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base e, geralmente, quem está na base é o grupo das mulheres negras. Tecnicamente, Crenshaw não atribui a denominação de discriminação a este tipo, ela denomina de subordinação, porque este não é voltado particularmente para grupos específicos. Não há um discriminador ativo. Em muitos casos, a subordinação não é resultante de políticas locais, mas de políticas internacionais e que têm efeito particular para as mulheres em decorrência da sua posição na estrutura socioeconômica.

Crenshaw (2004, p. 13-14), exemplificando essa última denominação, diz:

> O melhor exemplo da discriminação estrutural, talvez sejam as políticas de ajustes que muitos países são forçados a adotar. As feministas têm criticado as políticas de ajustes estruturais pelo efeito particular que elas têm sobre as mulheres. Geralmente, políticas de ajustes estruturais obrigam os países subalternos a desvalorizar suas moedas, o que, por sua vez, reduz salários e restringe serviços sociais, geralmente forçando as mulheres a assumirem serviços que deixam de ser prestados, como o de cuidar de idosos, doentes, jovens. (...)

> Em decorrência da sua boa condição socioeconômica, algumas mulheres (...) conseguem contratar a mão-de-obra de outras mulheres para assumirem esses serviços de cuidados. As contratadas, em geral, são mulheres economicamente marginalizadas, que, por essa razão, são também socialmente marginalizadas, situadas na base da pirâmide socioeconômica. (...) É isso que eu chamo de subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça.

O conceito de interseccionalidade denota, assim, as diferentes maneiras pelas quais raça e gênero interagem para moldar as várias experiências pelas quais nós, mulheres negras, somos submetidas. Estas experiências não são compreendidas se não for considerado o modo como a intersecção do racismo e do sexismo afeta estas mulheres, moldando aspectos estruturais, políticos, representacionais que geram violências e colocam as mulheres negras na base da sociedade. Segundo Hill Collins:

> Mascarar as persistentes desigualdades sociais é uma retórica "cega à cor", concebida para torná-las invisíveis. Em um contexto em que muitos acreditam que falar de raça fomenta o racismo, igualdade consiste supostamente em tratar todos da mesma forma. No entanto, como aponta Kimberlé Crenshaw, "é bastante óbvio que tratar coisas diferentes do mesmo modo pode gerar tanta desigualdade quanto tratar as mesmas coisas de maneira diferente." (...) Nossas experiências familiares e profissionais, bem como nossa participação em diversas expressões da cultura afro-americana, significam que, no geral, as mulheres negras dos Estados Unidos vivem em um mundo diferente daquele das pessoas que não são negras nem mulheres. (Collins, p. 64-65)

Crenshaw ressalta, ainda, que a interseccionalidade não é uma teoria totalizante da identidade. O foco é destacar a necessidade de explicar os múltiplos aspectos da identidade, ao considerar como a realidade social é construída.

Segundo Carla Akotirene (2018, p. 13), em O que é interseccionalidade?, este conceito "é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras". Em outras palavras, este é um conceito que deve ser interpretado, no âmbito do feminismo negro, com base em variáveis implicadas nos debates aí empreendidos.

A partir do conceito de interseccionalidade, compreende-se o fato de as feministas negras articularem o feminismo negro como um movimento não essencialista e que questiona as epistemologias universalistas. Se apreende o não essencialismo do movimento, na medida em que a compreensão da situação das mulheres negras passa pela compreensão da sobreposição de opressões estabelecidas socialmente. Não há uma "natureza" e nem a possibilidade de se recorrer a "essências" para justificar o que ocorre; tudo depende de interações e articulações sociais em que grupos são definidos de determinada forma, em função de interesses de domínio e hegemonia.

As críticas de feministas negras a epistemologias universalistas caminham na mesma direção da crítica do filósofo da ciência Paul Feyerabend (1924-1994) à ideia de universalismo na ciência e na linguagem científica:

> A unanimidade de opinião pode servir a uma igreja, às vítimas aterradas ou ávidas de um (antigo ou moderno) mito, ou aos seguidores fracos e voluntários de um tirano. A variedade de opiniões é necessária ao conhecimento objetivo. E um método que encoraje a variedade é também o único método compatível com uma perspectiva de humanidade. (Feyerabend, 1993, p. 31-32)

Apontando de forma mais incisiva às relações de dominação que advêm da imposição de um modelo universalista de conhecimento e racionalidade, Feyerabend afirma que o universalismo epistemológico reflete os interesses de grupos dominantes.

Na obra, A Ciência em uma Sociedade Livre, ele rechaça a ideia de dominação que subjaz ao universalismo:

> "Igualdade", incluindo a igualdade da mulher e a igualdade racial, não significa igualdade das tradições, mas apenas a igualdade de acesso a uma tradição particular: a tradição do homem branco. Os liberais brancos, que apoiam a busca da igualdade com todas as suas forças, abriram a terra prometida, mas uma terra prometida que se deve construir segundo os seus planos, que deve encher-se dos seus brinquedos favoritos e em que só se pode entrar com a sua autorização. (Feyerabend, 2011, p. 95)

A ciência não diz respeito somente a conhecimento, mas a quem produz o conhecimento considerado válido ou verdadeiro, a quem se enquadra no padrão e pode ser considerado "produtor" de conhecimento racional. Nesse sentido, a epistemologia, ou como Feyerabend cita, a "tradição do homem branco" impede o conhecimento de diferentes perspectivas e desconsidera outros saberes como, por exemplo, de povos originários e grupos subalternizados. Em última análise, a ideia de um conhecimento universal, além de expressar interesses específicos de um grupo social dominante, impede o conhecimento de diferentes perspectivas, desconsiderando saberes de outras e outros sujeitos colocados à margem do conhecimento estabelecido.

O conhecimento das mulheres negras é colocado à margem, dentro da tradição ocidental.

Nesses termos, o pensamento das feministas negras vai ao encontro do que Feyerabend expõe. O feminismo negro, indo de encontro ao universalismo, busca desenvolver e identificar variadas narrativas, validando conhecimentos e discursos para além dos discursos hegemônicos eurocêntricos. A ideia de epistemologia do movimento feminista negro envolve a valorização das experiências de vida e de visões de mundo das mulheres afrodescendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando a mim... ou permanecendo em mim, não somente me situo na experiência das mulheres negras. Eu me reconheço e compreendo que o percurso acadêmico que percorri só foi possível, na medida em que vislumbrei "outras possibilidades" para além do que estava sendo apresentado na minha formação "universalista". Tal percurso só foi possível a partir de um "encontro" com a crítica feyerabendiana ao "racionalismo científico universal", a crítica à imposição de uma

única forma de fazer ciência e, de forma mais ampla, à imposição de uma única forma de significar, de dar sentido à realidade e o que a constitui. Isso me permitiu compreender a noção de racionalidade científica situada e a minha condição de mulher negra na encruzilhada interseccional.

Em outras palavras, a possibilidade e efetividade de "situar" a racionalidade me conduziu à compreensão da interseccionalidade experienciada e, nesse sentido, na interação entre a racionalidade e a experiência, identifiquei a "racionalidade científica situada e interseccional" que me atravessa e permite com que eu me compreenda nas diversidades epistemológicas e vivenciais e, para além de minha experiência, esta faz com que eu consiga compreender as diversidades, racionalidades e interseccionalidades existentes.

Situated and Intersectional Scientific Rationality

ABSTRACT

The text articulates the notion of situated scientific rationality, developed from Paul Feyerabend's critique of scientific universalism, with the intersectional perspective of Black feminism. The author reflects on her own trajectory in the Philosophy of Science and shows how Feyerabend's critique of the idea of a single, neutral, and universal rationality enabled her to understand science as a contextual and plural practice shaped by historical and social experiences. In dialogue with authors such as Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, and Carla Akotirene, the text presents intersectionality as a tool for understanding the overlapping oppressions of race, gender, and class that shape Black women's experiences, as well as epistemological production from the perspective of this group of women. It thus argues for the possibility of a situated and intersectional scientific rationality, open to epistemological plurality and to historically marginalized experiences.

KEYWORDS: Black feminism. Intersectionality. Paul Feyerabend. Epistemological plurality. Situated scientific rationality.

Racionalidad Científica Situada e Interseccional

RESUMEN

El texto articula la noción de racionalidad científica situada, desarrollada a partir de la crítica de Paul Feyerabend al universalismo científico, con la perspectiva interseccional del feminismo negro. La autora reflexiona sobre su propia trayectoria en la Filosofía de la Ciencia y muestra cómo la crítica de Feyerabend a la idea de una racionalidad única, neutral y universal le permitió comprender la ciencia como una práctica contextual, plural y atravesada por experiencias históricas y sociales. En diálogo con autoras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins y Carla Akotirene, el texto presenta la interseccionalidad como una herramienta para comprender la superposición de opresiones de raza, género y clase que marcan las experiencias de las mujeres negras, así como la producción epistemológica desde la perspectiva de este grupo de mujeres. Se sostiene, así, la posibilidad de la existencia de una racionalidad científica situada e interseccional, abierta a la pluralidad epistemológica y a las experiencias históricamente marginadas.

PALABRAS CLAVE: Feminismo negro. Interseccionalidad. Paul Feyerabend. Pluralidad epistemológica. Racionalidad científica situada.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2018.

COLLINS, Patrícia Hill, BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento:** Raça e gênero. Brasília, p. 7-16, 2004.

FEYERABEND, Paul. **Against Method.** London: Verso, 1993.

FEYERABEND, Paul. **A Ciência em uma Sociedade Livre.** São Paulo: UNESP, 2011.

HACKING, Ian. **Representing and Intervining.** New York. Cambridge University Press, 1994.

LEAL, Halina. Feminismo Negro. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas:** Mulheres na Filosofia, v. V.6, p. 16-23, 2020.

DOI: 10.3895/cgt.v18n52/51.22663.

Como citar: LEAL, Halina Macedo. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.18, n. 50/51, p. 1-11, jan./dez., 2025. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt. Acesso em: xx/xx/xxxx.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.